

CAÇADORES DA ALMA - EP O CLIQUE DA VIAGEM

Suzana Tierie

As viagens que eu faço sempre acabam contando uma história que eu não conheço. É uma história que eu vou criando, que eu vou conhecendo através de pessoas, de paisagens, lugares que eu vejo que eu nunca fui antes. E é isso que me atrai mais e é isso que eu adoro capturar, e fotografar, e aprender e rever. Conhecer outros mundos, outros universos, e se sentir em casa em lugares diferentes, e isso foi o que me atraiu mais disso foi, vamos dizer o *“trigger”* . E foi essa sensação que me deu direto contato com a fotografia e aí eu senti que era isso mesmo que eu queria fazer.

Luiz Eduardo Achutti

Eu fui para a Nicarágua acreditando que eu ia ver um processo, vamos dizer, cubano mais no início. Qual era o meu projeto ? Era fazer um inventário do mundo socialista, quero ir lá e ver o que tem de positivo, ou se é ruim por que é ruim ? O que que é ...

Alfredo de Stéfano

Olá, Silvio. Bom ver você.

Silvio Tandler

Que bom te ver.

Alfredo de Stéfano

Bom estar no Brasil novamente.

Silvio Tandler

Que bom, que bom !

Alfredo de Stéfano

Entre !

Silvio Tandler

Vamos ver seu trabalho.

Alfredo de Stéfano

Já tem vários anos que eu comecei esse trabalho, desde 2008, que são obras que estou realizando em todos os desertos do mundo. E estou viajando aos desertos mais icônicos desse planeta.

Há dois elementos que caracterizam a minha obra. A circularidade, por isso vamos encontrar círculos, me interessa essa circularidade da vida onde tem esse ciclo que acabam e se abrem todo o tempo. E o vermelho, porque dessas culturas tão antigas, o sangue ou a morte têm um significado diferente do que para nós ocidentais. Tinha a ver mais com o início de uma nova forma de vida, com o início de uma vida em outro lugar. Me interessa cobrir os desertos que representam algo para uma grande população da humanidade.

Temos um exemplo na Índia, que é o deserto Thar. Minha obra se caracterizava por sempre sempre intervir no espaço mas não havia presença física humana. Agora a presença humana é com personagens que habitam o deserto mas sempre olhando para o horizonte.

Suzanna Tierie

Eu estava em uma região cruzando Madagascar, na última parte dele, aonde que tem as montanhas mais altas da ilha. A gente ficou 5 dias perdidos na montanha. Aí de repente, um momento, a gente viu uma casinha no topo da montanha ! E a gente falou : “vamos para essa casinha, vamos ver o que tem lá, se tem alguém lá.” e tinha 12 homens lá, era a única semana que o tempo ia estar um pouco melhor e é por isso que eles vieram para esse lugar. Eles se unem lá e fazem um retiro de cuidar do gado e criação para ferramentas de trabalho e para as mulheres deles. E um deles era de um vilarejo, que a gente tinha que chegar para continuar nossa travessia, e essa pessoa nos guiou. E a única coisa que ele tinha no corpo era um calção pequeno, pés nus, era um plástico grande azul ele nos deu essa energia, ele nos deu esse conhecimento, começou a chover, a gente escalava as montanhas a gente escorregava, ele me agarrava e a gente cruzava rios com as nossas mochilas em cima das cabeças, foi incrível.

Depois eu tive a oportunidade de ir para a Mongólia gravar... Gravar um documentário na Mongólia. E o primeiro capítulo que fizemos foi sobre os guerreiros Kazakis, que moram na região oeste da Mongólia nas montanhas Altai, e que praticam ainda uma antiga tradição de caçar com as águias. Mas a nossa missão na realidade era documentar a nova geração, as crianças que gostariam de continuar essa tradição. E isso hoje em dia é raro na realidade, com tudo que está chegando no mundo com capitalismo, com a globalização, com a tecnologia se espalhando e querendo influenciar ... E é muito interessante ver qual é a opinião da nova geração, se ela quer seguir essas tradições antigas, selvagens, espiritualmente muito conectadas a natureza. É lindo ver isso ! E a gente encontrou uma família, a gente encontrou um menino de 10 anos que quer ser caçador águia com o pai dele. E foi uma experiência linda, eles nos recolheram e eu morei 1 mês e meio com eles.

Charles Fréger

Eu tenho um jeito global de trabalhar, sempre o mesmo tipo de protocolo. O negócio é que eu não sou um antropólogo, não sou um etnógrafo. Isso quer dizer que eu não tento ter uma visão exaustiva da comunidade. Eu não tento explicar perfeitamente o que que é, qual é o ritual. Eu não tento fotografar todas as roupas de uma comunidade. Eu sou muito seletivo. Eu gosto dessa vestimenta. Eu gosto dessa fantasia. E eu posso trazer minha atitude para dentro da foto. Então, você pode olhar para ela como um documento, é claro, e ainda é interessante para alguns cientistas ou etnógrafos, mas a minha visão é mais de um projeto fotográfico, um projeto artístico.

Chuck Martin

Eu fui convidado para participar em um festival internacional de arte africana, na Argélia. Eu andei muito nas ruas e gostei muito do que eu vi e eu fiz muita fotografia. Então você faz ligações com as coisas que você conhece. Há muitas conexões, por exemplo, entre a Argélia e o Brasil. Primeiro, são dois países colonizados pelos europeus, então isso quer dizer que a arquitetura é muito igual em muitos lugares.

Por acaso eu descobri que Oscar Niemeyer fez uma outra universidade em Constantina que fica na parte leste da Argélia. Eu sou um grande fã da arquitetura do Niemeyer e Niemeyer passou muito tempo na Argélia. E a maioria dos brasileiros não sabe muito dessa história do Niemeyer.

Max Pam

Eu realmente desenvolvi uma obsessão pela Índia, e então eu ficava voltando toda hora, para tentar entender o que havia acontecido com a minha mente naquela primeira viagem até a Índia. Eu já fui para Índia umas 18 vezes e eu ainda vou para lá. A Índia mudou e você esperaria isso em 45 anos mas há lugares no sul da Ásia que mudaram tanto que eu não reconheço esse lugares mais. Na Índia você ainda consegue achar esse tipo de magia que me identifiquei há 40 anos.

Luciana Whitaker

No meu trabalho lá eu ia documentar um alasca ... Eu faço tudo, eu to lá eu faço parte da equipe. Quando muda o tempo, muda a correnteza eu tenho que parar de fotografar e desmontar a barraca com todo mundo, eu acho que você tem que pertencer á esses... Não pode se destacar, você tem que entrar nisso.

É um trabalho que eu desenvolvo há 20 anos, então eu sempre tive uma curiosidade com esse povo.

Eu não fotografo só a neve, eu sempre gosto das pessoas da cultura, então tem sempre ... Não é só a paisagem da neve.

Se você entrar na casa de um esquimó, você vai ver as paredes são todas tomadas por fotografia, eles adoram fotografia. E eles tem esse costume de trocar, então se você faz uma coisa para eles, eles fazem uma coisa para você. E aí porque você fotografou de repente você está ganhando um pedaço de alguma caça deles, porque eu fotografei eu falei: "eu achei que eu estava me dando bem de estar fotografando mas eles ao mesmo tempo acham que foi um favor eu estar fotografando" então é sempre uma troca.

Gabriel Uchida

Eu sempre pensei em ter uma vida libertária sem fronteiras, sem patrão, sem Deus. Eu já tinha viajado já tinha feito outros projetos fora, sempre tinha sido muito interessante, às vezes mesmo que por tempo curto tinha sido muito proveitoso. Então eu decidi ficar um tempo fora, ficar 2, 3 meses em cada país explorando todas as histórias... Enfim, fui para Cuba, que era um lugar que eu já conhecia e gostava muito, fiquei 33 dias morando em Cuba. Fui para o Turquia para o Curdistão, cobrir as eleições que foi interessantíssimo, um atentado a bomba a história foi incrível.

Fui para a Itália depois voltei e fui para os Estados Unidos e fiquei 3 meses e meio, mais ou menos, nos Estados Unidos viajando, trabalhando e produzindo e é isso eu quero ficar pelo menos por um tempo rodando, e enfim, conhecendo histórias novas, buscando artistas e é uma pesquisa mas é também uma aprendizagem.

Renan Cepeda

Em uma viagem a Espanha, eu estava com um casal de espanhóis dirigindo o carro e eu reparei que na beira das estradas tinham uns castelos incríveis. Comecei a pesquisar esses castelos fui visitando, e inclusive há websites que contam histórias de cada um, e são histórias incríveis e são castelos realmente abandonados, ou seja, a Espanha tem tantos castelos que o próprio governo e as pessoas não sabem o que fazer com eles. Então como um sulamericano fui à Europa reconquistar esses castelos, eu me senti um certo Pizarro às avessas, ou seja, 'está aqui um sul americano que foi na Espanha descobrir, desvendar os segredos desses castelos medievais'.

Cris Bierrenbach

Eu gosto de andar sozinha, de poder ficar observando.

Eu fui para Moçambique, por exemplo, em 2010 e comecei a ver muitas casas abandonadas e aí eu descobri que essas casas estavam abandonada há 30 anos. A gente pessoas com casas extremamente precárias, construídas muito próximas e elas não ocupam aquela casa. Então tem toda uma questão de crenças regionais, as pessoas acreditam que aquele lugar ainda pertence aos antigos moradores que foram pessoas que tiveram que abandonar aquilo durante, por causa da guerra.

Dois anos depois eu vou para o Haiti e sou pega por um terremoto também, e começo a ver roupas, e roupas e roupas abandonadas no chão, e roupas também como as casas, boas, mas que também ninguém pegava. E para mim aquilo foi a representação máxima daquilo que eu vivi ali daquele terremoto, que pareciam corpos ali abandonados no chão. Um pouco depois eu vou para a Guiné Bissau, um país muito pobre, muito pobre, eu começo a ver carros, qualquer rua que você passa você vê carro abandonado. E não é porque são carros super velhos, têm carros novos, então uma pessoa compra um Jeep e não tem condição de manter e a poeira que vem do deserto do Saara do Sahel, que é uma poeira avermelhada, cobre tudo então os carros parecem todos uns fantasmas, veículos fantasmas cobertos por essa película avermelhada marrom.

Tornaghi

Neste episódio viajamos ao coração da alma, o fotógrafo caminha no espaço, no tempo, na matéria e na memória.

Foud Elkhoury

Eu sou mais um fotógrafo que constrói, que espera, que procura do que um fotógrafo que corre atrás dos acontecimentos. E então eu tinha pegado Flaubert e Maxime Du Camp como desculpa. Flaubert devia descrever os indígenas, que era como eram chamados os egípcios na época, E Maxime Du Camp devia tirar fotos das paisagens desse oriente mítico que Napoleão havia aberto. Então seguir seus rastros era uma desculpa para mim, tanto quanto foi para eles ir visitar o Egito. Então eu consegui tirar fotos e conhecer lugares onde ninguém vai mais, templos totalmente invadidos pela natureza, porque ninguém vai lá, que não têm manutenção. E então essa descoberta eu realmente devo a Flaubert. Esse é um templo em Karnak. Mas, à noite, nas pausas, eu entrava ... Às vezes, eu não saía de lá, eu ficava para dormir nos templos. Você vê aqui, ele está se preparando para voar. E essa é

uma pequena escadaria que eu descobri também graças a Flaubert, que é dentro de um templo, dentro de um pilar de um templo, que você não vê do lado de fora. E ali a luz entra, e como é muito pequena a abertura. É uma sequência, aí está, onde ela desaparece completamente. Olha a luz, não é incrível? A luz comeu a sua cabeça.

Dessa eu gosto muito. Esse é um vilarejo onde Flaubert dormiu. Mas houve, não sei, ele chamam de formigas vermelhas, que comeram todo o vilarejo e o vilarejo foi abandonado. E então ela partiu. Essa foto é ... eu a chamo de Kuchuk Hanem. Kuchuk Hanem significa pequena mulher em turco. Na época, o Egito estava sob domínio otomano. Então, Kuchuk Hanem era a pequena mulher, na verdade a mulher que dava prazer. E Flaubert descreve ao longo de duas páginas o prazer que sentiu com Kuchuk Hanem. Ele descreve sua pele, a cor de sua pele. A pele cor de café de Kuchuk Hanem. Ele descreve o barulho que suas jóias faziam quando ela fazia amor. Então, eu procurei a figura de Kuchuk Hanem. E eu disse a mim mesmo, é a única forma de eu acessar o orientalismo. E eu estive nessa casa e eu fiz Kuchuk Hanem.

Iatã Canabrava

Eu fui para Moscou como militante da juventude socialista do PDT, cheguei lá e não dei conta do recado. Eu surto logo na primeira reunião bilateral, já surto, eu falo: “eu quero sair disso! eu não aguento isso!” e tinha levado o meu equipamento fotográfico e muitos rolos de filme de kodachrome, ektachrome e outros filmes de slides que produziam slides positivos, de A+, e fotografei o verão de Agosto de 1985 em Moscou, mês em que Gorbachev assumiu o poder e nós assistimos o primeiro discurso do Gorbachev naquele momento. Então sem querer eu fui testemunha do início e do fim da cortina de ferro da Guerra Fria com a minha câmera fotográfica. O livro se chama ‘Pagode Russo’ em homenagem à música do Luiz Gonzaga. Eu casei com uma russa, há 7 anos atrás, e tenho um filho russo brasileiro. O livro é uma homenagem a ele antecipando a memória dele, pondo uma memória que ele não teria, se não fosse a possibilidade de antecipar memórias através da fotografia.

O que acontece com a fotografia hoje? A fotografia hoje não é mais do protagonista é do clique. O instante decisivo do Cartier Bresson ou o jornalista que está na hora certa no lugar certo, ele se dilui, ele se dilui junto com o arquivo, o arquivo sai da sombra e vai para a luz do dia. O arquivo é um elemento importante do trabalho do fotógrafo, hoje um bom fotógrafo é um fotógrafo que sabe mexer no seu arquivo, que tem paciência de deixar o material se curar no arquivo ou mexer em arquivos de outros.

Victor Klagsbrunn

O meu tio chegou no Brasil com 21 anos, saiu da Áustria com 20, a perseguição aos judeus começou com a anexação em 38, era fotógrafo amador lá e chegou aqui ele começou a fotografar principalmente para a União Nacional dos Estudantes. Ele era um fotojornalista, só que como qualquer fotógrafo ele mesmo que tivesse uma encomenda, cobrir um certo fato ou como ele se dedicou durante muito tempo, era o ganha pão principal dele, seguramente, fazia fotos de gente elegante para as revistas elegantes. Ele está com a máquina na mão, vê alguma coisa interessante do lado, fotografa também.

Muitas dessas fotos que ele fez tinha um caráter humorístico, ele achava as coisas muito interessantes e ele gostava de documentar isso, como também como características sociais, por exemplo, ele esteve em Brasília um pouco antes da inauguração, e aí quase todas as fotos dele tem o aspecto humano.

Uma situação que ela não conhecia da Áustria, que era, por exemplo, a situação dos negros no Brasil, o teatro experimental do negro que eu não sabia que funcionava na UNE, está lá o grande hotel a Carmem Costa... A partir daí eu acho que alguém levou ele para ver escola de samba, escola de samba era o samba do pessoal mais pobre, depois a capoeira, depois a umbanda. E aí foi depois a volta dos pracinhas ele documentou muito isso e a cobertura que ele fez da Copa de 50, talvez foi a cobertura mais longa que ele fez.

Imants Gross

Meu avô, na Letônia, era um fotógrafo. Um dos primeiros fotógrafos. Antes da Revolução Russa, a Letônia não era independente, mas ele trabalhava como fotógrafo. E ele se mudou para São Petersburgo. Então a revolução veio e ele voltou para a Letônia no começo dos anos 1920 e ele montou seu próprio estúdio fotográfico numa cidade chamada Barta, na Letônia. Ele estava trabalhando lá e a gente morava na Suécia. Eu pensei: "Bem, devo ir à Barta, devo tentar encontrar as marcas do meu avô". Eu encontrei muitas pessoas que começaram a procurar por fotografias. E encontraram as fotografias do meu avô nos arquivos e nos álbuns. Meus pais vieram para a Suécia como refugiados depois da Segunda Guerra Mundial. Ganhei meu diploma de Direito Internacional em Bruxelas. E aí comecei a trabalhar como diplomata e em relações internacionais. E trabalhando para a UNHCR na África. Poder ver como é um campo de refugiados e como as pessoas sofrem, isso causou um impacto não só na minha fotografia mas em todo meu pensamento e meu ser, eu acho.

André Penteado

Meu pai se suicidou em 2007, tinha um ano que eu morava em Londres. Eu recebi a notícia no dia seguinte, cheguei em São Paulo fui direto pro velório a noite e comecei a fotografar. Fotografei ele no caixão, fotografei como uma forma de tentar entender o que estava acontecendo, isso não era uma prática do meu processo. Ninguém da minha família achou estranho, porque eu sou fotógrafo eu sou artistas e sempre fiz essas coisas, coisas estranhas, né? Mas eu sei fazer aquilo para entender um pouco a natureza do que estava acontecendo, era uma coisa muito louca perder o pai, perder o pai desse jeito. Depois que o velório acaba eu paro de fotografar, eu fotografei a noite e durante o dia do velório até o enterro, depois quinze dias depois eu pego as roupas dele e levo pro estúdio, me fotografo usando as roupas e faço essa série de autorretratos, todas na mesma posição com olho fechado... E isso para mim era uma forma de me despedir dele.

Eu acho que é essa que é a mágica da fotografia. Mesmo que seja só um elemento de memória, que você tirou a foto para guardar do aniversário do seu filho.

Luiz Eduardo Achutti

Eu fiz uma operação com Lauro (?) de me convidar a ser convidado, pela embaixada da RDA da Alemanha DDR. Quando eu estou montando o meu audiovisual dia 8 de novembro,

não tenho certeza, os caras derrubam o muro. Começo, começou e foi aquela avalanche e aí derrubaram o Muro de Berlim, o resto todo mundo sabe da história. Eu digo: “Bom, vou voltar ano que vem. Quando que eu volto? Eu perdi a queda do muro”. Estava marcada a reunificação para 3 de outubro de 1990, eu digo: “vou fazer o antes e o depois, eu quero ver o que mudou, como é que funciona”.

Eu me relaciono com o mundo através da fotografia. Eu não consigo não ter ela... Empobrece, fica sem graça. Eu me acho testemunha de uma história que acabou, já passou, ficou o meu material as minhas fotos que é o retrato de uma época que não volta, pessoas com o clima, com a roupa, um determinado lugar... É datado, fez fez, não fez acabou. As fotos que eu faço é o que eu vou deixar.